

VIDA COMO EXPERIMENTAÇÃO DOS LIMITES E REINVENÇÃO DE SI

LIFE AS EXPERIMENTATION WITH LIMITS AND REINVENTION OF ITSELF

Fagner Torres de França ¹



CARVALHO, Edgard Assis. **Conexões da vida:** uma antropologia da experiência. Natal, RN: Una, 2017.

O escritor norte-americano Don DeLillo abre *Ponto ômega* (2011) narrando, do ponto de vista de um personagem anônimo, a experiência de um encontro com uma instalação artística de Douglas Gordon, em 2006, no Museu de Arte Moderna de Nova York. *24 hour Psycho* apresenta o filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock, numa exibição tão lenta que a projeção demora 24 horas para ser finalizada. Trata-se de uma experiência visual e do pensamento na qual o espectador pode observar quase *frame por frame*, e não nos habituais 24 *frames* por segundo, os mínimos deslocamentos decompostos dos personagens em várias etapas, ao invés de capturá-los em um movimento único, de tal modo que se torna possível recompor cada cena a partir da observação daquilo que, normalmente, passa despercebido ao olho descuidado.

A técnica da decupagem cinematográfica operada por DeLillo, religa o infinitamente grande ao infinitamente pequeno para expor a incerteza do infinitamente complexo e parece

ter uma relação íntima com o livro *Conexões da vida - Uma antropologia da experiência*, de Edgard de Assis Carvalho. Lançado recentemente em Natal, São Paulo e Rio de Janeiro, a autobiografia do antropólogo e professor da PUC/SP faz uso, sobretudo, de seus secretos e volumosos diários, de suas memórias recriadas, imaginadas, projetadas, tanto quanto do manuseio de objetos, fotografias e cenários narrativos impregnados de suas intimidades e singularidades até então não expostas ao grande público. Como um bom escafandrista, o autor de *Conexões da vida* visita os porões dos acontecimentos vividos de sua psique num esforço de reconstrução descontínua de uma vida simultaneamente singular e universal, una e múltipla. Mas também, como o lendário Sísifo, o autor reconstrói, no livro, as desordens da história brasileira vividas por ele em meio à decomposição e deslocamentos de uma geologia ao mesmo tempo perversa e sedutora da cultura e da política. Longe de ocupar o lugar de vítima ou juiz, o sujeito narrado atua e assume os ônus, mas, sobretudo, os ônus de suas opções de vida.

Não é sem consequências que por meio da palavra experiência Carvalho distancia-se

¹ Jornalista e Doutor em Ciências Sociais.

definitivamente do cartesianismo acadêmico pautado pela frieza dos argumentos claros e demonstráveis para se autolapidar e colocar-se completamente a nu como um sujeito com contornos ora definidos, ora incertos, mas sempre em perspectiva. Inacabado. O autor se coloca a favor e contra si mesmo, com seus erros e ilusões, destituindo-se de um pretense discurso de verdade, mas refazendo uma trajetória de vida que contempla falhas e acertos, dúvidas, dores e delícias, muitas alegrias, grandes tristezas, outros tantos arrependimentos. Verdades, se existem, são feitas de carne e sangue, forjadas nas oficinas da irremediável condição humana.

Em quatro capítulos intitulados *Sombras*, *Simetrias*, *Descontinuidades* e *Ardores* o autor de *Enigmas da Cultura* (2003) coloca o resgate da experiência como possibilidade de se repensar o conhecimento do sujeito em sua relação com o mundo e os outros, num momento em que, como já alertava Walter Benjamin (2012) em 1934, vivemos em uma pobreza tanto em experiências privadas quanto em experiências da humanidade em geral. E isso é o prenúncio da barbárie, dizia Benjamin (2012), e acaba por gerar uma crescente incapacidade de produzir memória e construir narrativas.

Ao acionar as comportas da memória, como diz logo nas primeiras linhas do texto, ao problematizar a própria vida, Edgard Carvalho propõe o que talvez possamos chamar também de uma pedagogia da experiência contra o pensamento fragmentado, autorreferente, enclausurado, que não estabelece comunicação com a própria história, como derivado de uma força transcendente, impessoal, incorporal. Religar não apenas saberes, mas corpo e mente, individual e

coletivo, objetivo e subjetivo, natureza e cultura, arte e ciência, é uma das apostas do livro.

A aposta ensaística de Carvalho não é sem consequências, mas uma atitude ética, estética e política. Primeiro porque, ao confundir arte, filosofia, educação, antropologia, sociologia e psicanálise, *Conexões* pode incomodar (ou ao menos causar certo desconforto) àqueles que habitam os domínios do monopólio dos campos organizados, regulados e disciplinados – alegorias do sujeito da ordem. Em segundo lugar, porque para instaurar um acontecimento narrativo é preciso se distanciar dos velhos modelos cristalizados, de resto não uma característica do nosso século, mas uma atitude já inaugurada de forma mais explícita, no século XVI, por Michel de Montaigne.

Ensaíar é justamente renunciar à segurança da teoria, ao dogmatismo da forma. É aventurar-se por caminhos desconhecidos, perigosos, insondáveis, que se abrem no próprio ato de caminhar. Sem isso, o ensaio é apenas um estilo narrativo e não uma hibridação do sujeito com seu interior e os cenários que lhe consomem. Ensaio, aqui, é quase sinônimo de experiência: como um *flâneur*, Edgard recolhe nas vísceras as marcas do intelectual, do amante, do professor e do amigo, que se torna uma emergência narrativa na sua autobiografia. O livro deixa pulsar a vida como um ensaio permanentemente experimentado.

Toda autobiografia é um recrutamento da imaginação e da memória. Reativar a memória, como diz Carvalho, é “desviver o passado”, reinventá-lo a partir da experiência do presente. É operar o *a posteriori* freudiano, é redesenhar o passado como condição de projetar vias incertas de futuro. “Qualquer recuperação do tempo é, portanto, imperfeita,

lacunar, esquecida, recalçada”, afirma o autor na página 17. *Conexões* não pretende narrar uma existência tal qual um conjunto de fatos coerente e intencionalmente orientado para determinado projeto e que pode ser apreendido a partir da compreensão de uma teleologia pessoal, mas sim um trajeto cheio de “desatino, desavenças, contradições, desalentos, alegrias, decepções” (Id.). Como o caminhante de Antonio Machado, tão celebrado por seu amigo Edgar Morin, esse carioca-paulista-natalense-parisiense foi construindo seu caminho enfrentando face a face o que lhe foi dado a viver. Nunca foi um demissionário. Nunca fugiu do papel do instaurador de novas desordens do conhecimento. Nunca ficou na corda bamba. Por tudo isso, é claro, pagou o preço estimado na tabela cultural dos paradigmas intelectuais ou morais.

É por meio dessa gramática instauradora de novas ordens que Edgard de Assis Carvalho tenta dar sentido à sua própria história: um exímio acordeonista que chegou a se apresentar no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, nos anos 1950, mas foi interrompido pelas arbitrariedades paternas cujo maior desejo era ver o filho formado na escola militar. Anos depois ingressou no curso de direito, aventou a probabilidade da carreira diplomática e terminou por fazer seu caminho como reconhecido intelectual, nos bancos universitários e fora deles.

Aqui os conflitos e desordens familiares, que constituíram subjetivamente o autor e condicionaram algumas de suas escolhas futuras, tanto intelectuais como afetivas ou sexuais são abundantes, fartamente narrados. Não como acertos de contas, mas como atividade criadora, uma tentativa de compreensão, superação e expansão da vida. Porque a experiência deve ser pensada, condição sem a qual não sabemos o que fazer

com o que nos é dado a viver, com o que nos acontece. Leitor de Carl Jung, Carvalho (2017) estabelece um diálogo permanente entre a consciência e sua sombra, esta camada móvel da alma onde se agitam os demônios, que nos possuem enquanto não compreendemos que são nossas fontes vivas, conforme alerta Morin (2010) em *Meus demônios*.

Um acontecimento traumático – acidente ocorrido em 2004, que o deixa politraumatizado – retorna ao *Conexões da Vida* como se fosse um eco do *Virado do Avesso* (2005), livro que chegou ao público brasileiro e foi avidamente lido por psicanalistas, fisioterapeutas, psicólogos e cientistas sociais.

Conexões da vida é um exercício corajoso de reinvenção e desbravamento do continente brumoso das lembranças, um livro feito de intensidade, vibração e força afetiva mais do que analítica. Autobiografia de um sujeito singular que se universaliza por conseguir dar uma forma única e particular às inquietações dispersas de uma época. Edgard foi perseguido e preso durante a ditadura militar no Brasil, pois esteve constantemente na linha de frente do desbunde cultural nacional. “O mundo se extinguiu naquela viagem até o quartel do segundo Exército”, relembra. Findo o regime de exceção, prosseguiu sua carreira de professor universitário, equilibrando-se na linha tênue das fronteiras disciplinares e existenciais, desviando-se, sempre que possível, dos ataques assestados pelas patrulhas ideológicas protegidas nos bunkers das teorias hegemônicas.

Desde a década de 1990, aprofunda-se nas leituras de Edgar Morin e da complexidade. Passa a reorganizar as suas próprias bases epistemológicas de conhecimento, uma forma de resistir ao “caráter unitário do conhecimento que foi perdido em nome das expertises disciplinares e da vigilância

punitiva do dispositivo acadêmico”. É dessa maneira que tenta dissipar sua insatisfação em relação a um modelo de universidade pautado na fragmentação, no enclausuramento de saberes em áreas de especialidades e na perda da dimensão subjetiva dos intelectuais.

De um jeito ou de outro, sempre escolheu a subversão e a resistência. Por precaução, cercou-se de amigos que possibilitaram esse deslocamento constante de si. Em Natal, lugar que escolheu como fonte de alimento cognitivo e afetivo e que visita com frequência, fez amigos definitivos que proporcionaram um ambiente estimulante de experimentação das ideias e da vida. Com o Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), na UFRN, consolidou uma parceria que já dura décadas, estabelecendo diálogos no sentido de ampliar e renovar a investigação sobre as ciências humanas, reposicioná-las a partir de novos horizontes teóricos, novas abordagens, novas questões. A sua participação ativa em eventos nacionais e internacionais promovidos pelo GRECOM, muitas vezes em parceria com o Complexus (PUC/SP), a descrição de cenários rústicos e intimistas das praias do Rio Grande do Norte, lugares onde ele confessa que se constituíram em momentos de reflexões e encontros consigo mesmo, as inúmeras participações em bancas de pós-graduação da UFRN, as conferências e seminários ministrados por ele em Natal e cidades vizinhas, a familiaridade com que se desloca por alguns bairros na cidade fazem valer o título de assessor permanente do GRECOM e da UFRN. Quem sabe, um dia, lhe venha a ser outorgado o título de cidadão natalense.

Mesmo sendo um relato não linear de uma história de vida, ao final, *Conexões* apresenta um sujeito em perspectiva, por inteiro, sem máscaras, com suas angústias, alegrias,

tristezas, tormentos, decepções, sucessos e fracassos, forças e fraquezas. Uma hermenêutica de si urdida com cuidado, paciência, sangue, suor e lágrimas. Sem pretensões moralistas, *Conexões* expressa uma lição viva da experiência: “É preciso aprender a viver e conviver com nossos não, optar por outros itinerários, reaprender o espírito das profundezas que habitam nossas tonturas e névoas”.

Um livro impactante, mas sem sensacionalismo. Um livro corajoso, mas desprovido da apologia da autorreferência.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Conexões da vida: uma antropologia da experiência.** Natal, RN: Uma, 2017.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Virado do avesso.** São Paulo: Selecta, 2005.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da cultura.** São Paulo: Cortez Editora, 2003.

DELILLO, Don. **Ponto ômega.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORIN, Edgar. **Meus demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.